



## O que aconteceu no Sudão?

- Em 19 de dezembro de 2018, uma revolta começou no Sudão. Esse levante culminou com a queda do presidente do Sudão - Omar al-Bashir - em 11 de abril de 2019. O Exército realizou um golpe militar conservador para abortar a maré revolucionária e manter as mesmas políticas antigas. Dissolveu o parlamento e estabeleceu um regime militar de dois anos liderado pelo Conselho Militar de Transição. As forças revolucionárias - reunidas na Aliança pela Liberdade e Mudança, com o Partido Comunista do Sudão e a Associação de Profissionais do Sudão - continuaram sua marcha adiante, determinadas a fazer uma revolução completa. O conflito entre o Conselho Militar de Transição e a Aliança pela Liberdade e Mudança continua. Pode resultar em um desfecho semelhante ao do Egito, onde o regime militar se disfarça de partido democrático, ou pode ainda avançar rumo a uma democracia revolucionária.

## Por que os sudaneses se revoltaram?

- Em 2018, a variedade de pressões sociais negativas surgiram como resultado da estagnação econômica. A taxa de crescimento caiu para -2,3% naquele ano. Isso se deu a pelo menos quatro fatores:

a. Guerras. Omar al-Bashir estava no poder desde 1989. Ele supervisionou duas guerras sangrentas nesse período. A primeira foi entre o norte e o sul do país, um conflito que em sua segunda fase durou de 1983 a 2005. Essa guerra resultou na morte de 2 milhões de pessoas, no deslocamento de 4 milhões e na divisão do país, em 2011, entre Sudão e Sudão do Sul. A segunda guerra ocorreu na província de Darfur, que resultou na morte de milhões de pessoas e na destruição dessa vasta região marginalizada que foi profundamente impactada pela dessecação do deserto do Saara. Ambos os conflitos enfraqueceram o país.

b. Petróleo. A economia do país depende da exportação de petróleo, sendo que as maiores reservas estão na porção sul do país. Com a partição de 2011, o Sudão perdeu 75% das reservas. Em 2008, no entanto, 21,5% do PIB do Sudão veio de exportações de petróleo (e gerou uma taxa de crescimento de 11,5%). Quando os preços globais do petróleo entraram em colapso em 2014, a economia do Sudão entrou em rápido declínio.

c. FMI. Até 2017, o Sudão tinha uma dívida externa de mais de 50 bilhões de dólares - 61% de seu PIB - com cerca de 84% em atraso. O Sudão devia 89% do montante aos países e bancos comerciais (o restante às instituições financeiras internacionais). Em novembro de 2017, o FMI recomendou ao governo do Sudão que reduzisse os subsídios para pão e combustível e desvalorizasse a libra sudanesa. O governo seguiu o conselho do FMI. Naquele momento, 50% da população sudanesa já vivia na pobreza. A situação ficou fora de controle após os cortes nos subsídios e a desvalorização.

d. Irmandade Muçulmana. Desde 1976, o Sudão aderiu ao Islã político. O ditador Jaafar al-Nimeiri, apoiado pelos EUA, aliou-se à Irmandade Muçulmana naquele ano. Uma revolta em massa eclodiu em abril de 1985, resultando na derrubada do regime de al-Nimeiri e abriu caminho para a restauração de um processo democrático.

Foram feitas tentativas entre 1985 e 1989 para alcançar uma solução pacífica para a guerra civil no sul e abolir a lei da Sharia introduzida por al-Nimeiri e pela aliança da Irmandade Muçulmana. No entanto, o processo democrático teve vida curta. Em junho de 1989, a Irmandade Muçulmana realizou um golpe, derrubou o governo eleito democraticamente, dissolveu o parlamento, partidos políticos, sindicatos e todas as organizações da sociedade civil. Foi imposto um regime mais reacionário que resultou na continuação da guerra no sul, na destituição do trabalho de mais de 250 mil trabalhadores e funcionários públicos, no estabelecimento de “Casas Fantasmas” onde os líderes das forças democráticas eram torturados (alguns assassinados). Omar al-Bashir, que herdou esse regime, continuou a agenda da Irmandade Muçulmana. Em vez de enfrentar os sérios problemas políticos, econômicos e sociais do Sudão, os governos de al-Nimeiri e al-Bashir se esconderam atrás de uma dura agenda cultural (que incluía leis de blasfêmia, leis contra os direitos das mulheres e políticas contra a diversidade dos povos do Sudão e sua cultura). Tanto al-Nimeiri quanto al-Bashir caíram porque não tinham resposta para as crises econômicas e porque sabiam apenas reprimir os levantamentos contra o FMI.

## Como os sudaneses se revoltaram?

- O levante começou em Atbara, uma cidade operária que testemunhou o nascimento do movimento sindical sudanês na década de 1940. O resíduo dessa luta e da vitória na derrubada do ditador britânico Ibrahim Abboud (outubro de 1964) e al-Nimeiri (abril de 1985) permanece.
- Uma série de formações políticas mais antigas (o Partido Comunista Sudanês e a União das Mulheres do Sudão) e outras mais recentes (a Associação de Profissionais do Sudão, formada em 2016 por 17 sindicatos) se juntaram a essa luta atual com

grupos da sociedade civil e partidos políticos ao lado de um novo grupo cujo nome define o clima no país - **Girifna** [estamos enjoados]. Esses grupos se reuniram em torno de uma Declaração de Liberdade e Mudança, que exige a democratização completa da política e da economia do país, além de compromisso com a saúde, educação, moradia e proteção do meio ambiente. Também pedem a formação imediata de um Comitê Nacional para a Constituição. Essa Declaração unifica os vários atores políticos.

## O que é possível no Sudão?

- Por enquanto, os militares parecem ter a vantagem. Diante da determinação e continuação heróica do movimento contestatário de massa, sob a liderança da Aliança pela Liberdade e Mudança, e o apoio de oficiais subalternos, a junta militar aceitou as propostas de compromisso da União Africana para compartilhar o poder com a Aliança nos próximos três anos. As forças armadas não estão preparadas para esmagar completamente o movimento, porque muitos oficiais menores não-comissionados estão solidários com seus objetivos. Isso não significa que os militares - como al-Bashir antes - não usaram violência - eles a têm usado, de fato. Mas a aliança, enraizada na Declaração, tem sido resiliente. Para eles, o processo revolucionário não terminou.

**o**tricontinental.org | Instituto Tricontinental de Pesquisa Social



 thetricontinental

 @tri\_continental

 @thetricontinental